

ATITUDES EM RELAÇÃO À VELHICE: UMA REVISÃO DE LITERATURA *

1ª parte – Estudos Interculturais

Anita Liberalesso NERI **

RESUMO

Tradicionalmente a Gerontologia e a Psicologia têm assumido que predominam atitudes negativas em relação ao velho e à velhice, nas sociedades e nos indivíduos. Entretanto, não há evidências de pesquisas suficientes, em apoio a essa noção. Este artigo é o primeiro de uma série de três, dedicados à análise de uma amostra de pesquisa realizada entre 1945 a 1987. Os estudos foram categorizados em duas rubricas: estudos interculturais (texto 1) e pesquisas focalizando variáveis individuais (psicológicas e sociológicas) (texto 2). O terceiro texto analisa as principais tendências da literatura na área. O texto que segue trata de pesquisas sobre a posição do velho nas sociedades "primitivas" e históricas, nas modernizadas e em vias de modernização e sobre a imagem do velho refletida pelos meios simbólicos (como a TV, a Literatura Infantil e para Adultos, a Poesia, os anúncios de propaganda e as tiras de humor. Conclui que é impossível estabelecer comparações consistentes entre culturas ou seus subgrupos e que os dados de pesquisa não confirmam a existência de um preconceito universal contra o idoso. Parece relevante que a Geropsicologia realize uma crítica interna de seus conceitos básicos, procedimentos de pesquisa e práticas profissionais.

Embora sejam relativamente claras as distinções conceituais entre "envelhecimento", "velho" e "velhice", devidamente contextualizados por dimensões espaço-temporais, só-

(*) Texto extraído da tese de Livre Docência da autora "Envelhecer num País de Jovens. Significados de Velho e Velhice Segundo Brasileiros não Idosos". UNICAMP, 1988.

(**) Faculdade de Educação/UNICAMP.

cio-culturais e individuais, não é nada fácil discriminar essas distinções na literatura gerontológica. Nem elas têm sido sistematicamente exploradas. Disso resulta um estado de confusão mais ou menos generalizada, em que florescem interpretações pouco parcimoniosas. Nestas, dados sobre percepções a respeito do velho são livremente convertidos e transpostos para percepções sobre velhice e envelhecimento e vice-versa. Ainda, dados sobre experiências ou percepções individuais ou de grupos determinados são generalizados para o nível societal e vice-versa.

Semelhantes inadequações conceituais têm sido apontadas desde há muito tempo por vários pesquisadores, inclusive por Tuckman e Lorge (1953), que, em estudo pioneiro sobre atitudes em relação à velhice, advertiam serem insuficientes as evidências de pesquisa disponíveis, para que se realizassem generalizações sobre as características de personalidade e os problemas de ajustamento associados com o envelhecimento. Isso porque, ainda segundo Tuckman e Lorge (1953), as informações disponíveis a esse respeito são baseadas em escores de inventários padronizados de ajustamento ou em observações realizadas por psiquiatras sobre pessoas com dificuldades de ajustamento, ou ainda em idosos institucionalizados, por não serem capazes de funcionar adequadamente sem apoio e proteção institucional. Concluem que **'a não aplicabilidade das normas baseadas no ajustamento de pessoas mais jovens ao desempenho de sujeitos mais velhos e a falta de reconhecimento de diferenças na bagagem e na experiência cultural tornam extremamente arriscado, no estado atual do conhecimento a respeito de idosos, fazer generalizações sobre seus problemas sociais e psicológicos (p. 250).**

Ao que tudo indica, a advertência foi ignorada por várias levas de pesquisadores, o que permitiu que vicejasse, na área de pesquisa sobre atitudes em relação à velhice, um conjunto de crenças e opiniões sobre a predominância de predisposições negativas nos indivíduos e na sociedade, determinadas por uma concepção de velhice como problema a ser evitado. Essas cognições, de certo modo, têm predeterminado as questões, hipóteses, instrumentos, resultados e interpretações de boa parte das pesquisas sobre a questão.

Em 1971, Mc Tavish publicou uma importante revisão de pesquisas realizadas nas décadas de 50 e 60, a qual con-

firma essa tendência. Sua análise contempla a categorização dos estudos então disponíveis em duas rubricas gerais e de certa forma sobrepostas. Uma privilegia o contexto sócio-cultural e a outra o individual, ou de sub-grupos analíticos. Na primeira, considera-se como variável dependente o nível geral de consideração ou prestígio que o velho desfruta na sociedade e, como variáveis independentes, fatores temporais, sociais e interculturais. Na segunda, conforme o autor, a variável dependente são os estereótipos, estudados em função de variáveis psicológicas ou sociológicas (como, por exemplo, sexo, idade, escolaridade, autoritarismo, anomia e conservadorismo dos respondentes).

Utilizarei esse critério classificatório para resenhar uma amostra representativa de pesquisas publicadas entre 1945 e 1987. Creio que ela será um instrumento útil ao leitor que necessita situar-se na área. Na literatura posterior à resenha de Mc Tavish (1971), identifiquei uma valiosa tendência de crítica metodológica, questionando os fundamentos e a confiabilidade dos instrumentos disponíveis e fazendo propostas alternativas. Ela retoma a questão da generalidade dos dados de pesquisa realizada a partir de diferentes perspectivas, bem como a da distintividade entre os diversos alvos da pesquisa sobre velhice/velho/envelhecimento (pessoal, grupal, interindividual, de grupos, sócio-cultural).

ESTUDOS INTERCULTURAIS

As investigações que seguem essa tendência focalizam o prestígio do velho em diferentes sociedades, quer privilegiando uma única sociedade (como, por exemplo, os Estados Unidos Shaver, 1979; a Colômbia — Dulcey e Ardila, 1978; a França Stearns, 1981; a Corsega — Cool, 1981; a Venezuela — Sanchez, 1982; a Índia — Sharma e Tiwari, 1983; e Samoa — Rhoads, 1984), quer privilegiando a comparação entre duas ou mais sociedades (como, por exemplo, Estados Unidos e Venezuela — Sanchez, 1977; Estados Unidos e México — Culbertson e Margaona, 1981; Estados Unidos e Senegal — Wandeviele, 1982; e Java e Austrália Neesjirwan e col, 1983). Outros autores, como Cowgill e Holmes (1972), interessaram-se pela comparação entre sociedades modernizadas e em vias de moder-

nização. Uma outra importante vertente de pesquisa é a que considera produtos sociais como, por exemplo, a Literatura, a TV, as produções de humor e os cartões de aniversário, simultaneamente como reflexos e determinantes de atitudes em relação ao velho, à velhice e ao envelhecimento.

A lógica subjacente a essas investigações é que os estudos antropológicos e interculturais podem contribuir para esclarecer as conexões entre padrões demográficos, papéis sociais e experiência individuais, no contexto do curso de vida de uma cultura. A possibilidade de abstração de categorias transculturais, bem como a coleta de dados comparáveis sobre as vidas de homens e mulheres em diversas culturas, também podem auxiliar a compreensão de fatores culturais e intrapsíquicos, relativos à experiência do envelhecimento.

Os diferentes estudos categorizados sob a rubrica de sociais e interculturais se valeram de vários enfoques metodológicos. Sobressaem observações participantes, suplementadas por gravações, questionários e entrevistas, bem como por análise etnográfica. A imagem de velho/velhice na Literatura, na TV, em produções de humor e similares, foi investigada principalmente através de análises de conteúdo.

A maioria dos estudiosos que realizaram análises de sociedades isoladas e análises interculturais, sugerem que nas sociedades primitivas e históricas predominam atitudes positivas em relação ao velho, mas que elas tendem a se tornar negativas com a modernização, de tal forma que nas sociedades industrializadas predominam atitudes negativas.

Buscando interpretar esses dados, Cowgill e Holmes (1972) afirmam que nas sociedades "primitivas", caracterizadas por menor mobilidade social, o velho possui grande prestígio. Sua atuação se ressalta e ele é valorizado, inclusive em virtude de sua relativa raridade na população, ou em virtude de fatores econômicos e ligados à organização familiar.

O homem tende a ter alto prestígio em sociedades agrícolas e patriarcais, e a mulher naquelas em que predominam a caça, a pesca e o matriarcado. A transição de uma economia essencialmente agrícola para a industrializada coincidiria com o rebaixamento do status do velho, em virtude da introdução de novas tecnologias e da especialização do conhecimento e da produtividade dela resultante. Esse conjunto de mudanças determinaria o rebaixamento do status do velho, cujas habilidades e conhecimentos passariam a ter menos valor no mercado de tra-

balho (Simmons, 1945, apud Mc Tavish, 1971; Maxwell, 1970; Cowgill e Holmes, 1972; Palmore e Mantoan, 1974; Palmore, 1975; Achembaum e Stearns, 1978).

Dados como os acima apontados são consonantes com as formulações de Simone de Beauvoir (1970), realizadas a partir dos enfoques histórico e etnográfico. De acordo com a autora, a experiência e os conhecimentos acumulados pelos velhos nas sociedades primitivas lhes serviam como triunfos. Em contrapartida, eles eram expulsos ou eliminados do grupo, de forma mais ou menos brutal, quando sua improdutividade passava a significar uma sobrecarga para a comunidade. Em algumas dessas sociedades, negava-se a decadência e a morte, justamente eliminado o chefe quando ele ainda estava em pleno vigor, para que, por ocasião de sua morte natural na velhice, não levasse consigo a força vital da tribo. Em outras, o velho era respeitado como um elo valioso entre o passado e o presente, e entre a Terra e o Além. Cabia-lhe, por exemplo, introduzir as crianças na vida da tribo, através de lhes dar um nome e realizar as invocações dos espíritos dos antepassados. O velho conta com maior chance de sobrevivência nas sociedades mais ricas do que nas mais pobres e mais nas sedentárias do que nas nômades. A magia e a religião intervinham em seu favor apenas nas sociedades mais prósperas, onde inspiravam ressentimento, temor e respeito, em virtude de seus conhecimentos sobre as tradições, que serviam para manter a coesão do grupo. Graças a isso, obtinham respeito e prosperidade material. No entanto, quando a técnica se dissocia da magia e principalmente quando a escrita se faz presente, a influência do velho declina.

Analisando as sociedades históricas, Beauvoir (1970) afirma que o velho tem maior poder nas mais organizadas e repetitivas do que nas fragmentadas, e mais nos períodos conturbados do que nos tranquilos. O velho foi poderoso na China, em Esparta, nas oligarquias gregas, em Roma até o século II a.C. e entre os judeus. Os jovens reconheciam sua autoridade política e econômica, mas, talvez sensíveis à decadência física que vislumbravam para si mesmos, tendiam a ridicularizá-los. Essas informações são confirmadas por Haynes (1962 e 1963), a partir da análise de registros históricos (apud Mc Tavish, 1971).

Durante a Idade Média, os velhos foram pouco numerosos. Os sobreviventes em geral dependiam de suas famílias ou da caridade dos castelos e conventos.

O destino dos velhos foi particularmente penoso por ocasião do advento do Capitalismo. Sua sorte dependia essen-

cialmente das famílias, que às vezes os tratavam bem e às vezes os depositavam em asilos. O processo de industrialização determinou a progressiva generalização dos sistemas públicos e privados de aposentadoria, bem como de políticas sociais de apoio ao idoso, que, se por um lado o beneficiam, por outro contribuem para estigmatizar sua condição. Vitimado pela estigmatização, a saúde precária, a indigência e a solidão, o velho das sociedades contemporâneas industrializadas vive uma situação de escândalo (Beauvoir, 1970).

Os gerontólogos têm-se esmerado na aceitação acrítica dessa ampla generalização e, mais que isso, na divulgação da idéia de que essa situação de escândalo seria a um só tempo determinante e reflexo de atitudes negativas generalizadas em relação ao velho. A grave menção de Beauvoir (1970), segundo a qual uma sociedade desvenda seus meios e seus fins pela maneira como trata seus velhos, é igualmente assumida na íntegra, por uma Gerontologia estranhamente gerontófoba, que não considera os limites ideológicos, sociais, geográficos e psicológicos que contextualizam a afirmação em apreço. Não se trata de discordar da autora, mas de dimensionar corretamente suas afirmações.

Felizmente, esse posicionamento acrítico é questionado por diversos investigadores. Assim, Harth (1968, apud Tavish, 1971), por exemplo, afirma que os Igbo's expressam ambivalência acerca do status do idoso, que é afetado por problemas análogos aos que influenciam a vida do velho nas modernas sociedades industrializadas. Paralelamente, Palmore (1971, 1975 e 1977), analisando a sociedade norte-americana contemporânea, menciona a duplicidade de padrão vigente quanto ao prestígio de homens e de mulheres idosas. Em contrapartida, Cowgill e Holmes, (1972) sugerem que o status do idoso é menos afetado pelos processos de urbanização e industrialização do que por fatores pessoais, tais como doenças, conflitos intrafamiliares, pressões exercidas pelos jovens e problemas econômicos.

Essa sugestão é fortalecida por Culbertson e Margaona (1981). com base em entrevistas com 70 norte-americanos e 100 mexicanos que tinham parentes idosos. Os resultados foram que os norte-americanos tinham menor contato com seus parentes idosos e tendiam a perceber a convivência com eles como uma sobrecarga, a despeito de apresentarem avaliações positivas em relação a eles. Em contrapartida, a maioria dos mexicanos relataram que seus parentes idosos ajudavam a família de alguma

forma, ou seja, o fato de serem apontados como fontes de apoio parece ser um indicador de condições mais cômodas para os idosos entre os mexicanos. Anteriormente já se observara que nas sociedades tradicionais, o velho tem status elevado em função de fatores tais como: casamento mais tardio, forma de herança da propriedade rural, proximidade nas relações mãe-filho e migração dos jovens rurais para a zona urbana (Cowgill e Holmes, (1972).

Na mesma linha de raciocínio crítico, Rhoads (1984) utilizou evidências colhidas em Samoa para reavaliar a hipótese da relação entre modernização da sociedade e desvalorização do velho. Sugere que o velho samoano terá retido considerável status, a despeito do processo de modernização, em virtude da manutenção do sistema familiar tradicional, que garantiria apoio intergeracional recíproco. Outros determinantes da conservação de status pelo velho samoano teriam sido a existência de atitudes flexíveis frente ao trabalho na velhice, bem como a atribuição do prestígio individual à família como um todo.

Ao analisar a questão da satisfação na velhice, sob o ponto de vista da continuidade de papéis, Cool (1981) fornece importantes pistas para o estudo das atitudes em relação à velhice, ao mesmo tempo que fortalece as críticas à hipótese que relaciona industrialização e perda do status do velho. Seu estudo foi conduzido numa comunidade rural isolada do Mediterrâneo e conclui que a maior satisfação das velhas niolas com a velhice talvez se deva ao fato de que sua socialização é presidida por maior flexibilidade e variedade de papéis que a dos homens. A autora sugere que essa informação pode ser útil como pista a homens e mulheres de nações industrializadas, no sentido em que a flexibilidade na carreira e na vida pessoal, aumentaria a probabilidade de satisfação e de atitudes positivas em relação à velhice.

Shaver (1979) utilizou a teoria de atribuição para analisar os resultados do levantamento realizado pelo National Council of Aging dos EUA (em que não foi confirmada a hipótese da existência de atitudes negativas frente ao velho e à velhice). Para a autora, a aceitação acrítica da generalidade dos estereótipos negativos é fruto de erros de atribuição relacionados aos seguintes fatores: a) a aposentadoria compulsória seria atribucionalmente preferível à aposentadoria com base na incom-

petência; b) as opiniões de idosos seriam modeladas por atribuições referentes ao papel de velho e c) as atribuições feitas pelos profissionais ligados ao cuidado de idosos podem contribuir para a perpetuação de uma visão negativa sobre a velhice.

Uma das discussões mais consistentes sobre a hipótese da relação entre a modernização da sociedade e a desvalorização do velho é sustentada por Bengston e col. (1975). Levantam a questão da desconsideração das complexas interações sociais e familiares e sugerem a existência de um sério viés cultural, responsável por uma visão ingênua ou romântica do idoso nas sociedades pré-industriais. Na visão de De Haney (1987), a romantização do status de idosos rurais não só confirma a existência desse viés cultural, como também limita o desenvolvimento de teorias sobre velhice e envelhecimento, de tal modo abrangentes, que possam acomodar variações inter e intraculturais. Nessa mesma linha de raciocínio, Tobin (1987) denuncia a existência de idealizações sobre o velho japonês, na sociedade americana, e sugere que a falsa idéia de dependência que o norte-americano faz do velho no Japão talvez reflita sua ambivalência quanto a lidar com a questão da dependência ao longo do ciclo de vida. Embora não exista nenhum estudo sistemático sobre imagens idealizadas de velhice na sociedade brasileira, não se pode negar os indícios de que elas existem, por exemplo em relação aos indígenas, aos nordestinos, aos imigrantes italianos e às comunidades rurais. Seria importante saber em que medida elas permeiam nossos significados de velhice.

A distorção mais séria embutida na hipótese da relação entre modernização e perda de status na velhice é representada pela confusão conceitual entre os níveis societal e individual. Para Bengston e col. (1975), é importante discriminar entre conceitos e níveis de observação referentes à modernização (concebida como um processo societal) e à modernidade (relativa às propriedades de indivíduos particulares, numa dada sociedade, independentemente do seu grau de modernidade). Explicitando, a modernização teria relações com a organização, a alfabetização, a mobilidade social, os meios de comunicação de massa, o nível de desenvolvimento industrial e a organização democrática. A modernidade se evidenciaria por manifestações individuais de mobilidade social, residência em zona rural ou urbana, utilização dos veículos de comunicação de

massa e participação no sistema político de uma sociedade. Seria então mais apropriado considerar essas variáveis como uma evidência que reflete a presença de uma tendência atitudinal identificada como modernidade.

Nessa linha de raciocínio, em qualquer sociedade o status do idoso refletiria a posição coletiva de seu grupo de idade (usualmente definido como composto de pessoas de 65 anos para cima), com referência a vários atributos de status, incluindo prestígio ocupacional, renda, educação ou status profissional. As experiências individuais de desrespeito, negligência ou abandono, vivenciadas por muitos velhos, em muitas sociedades, embora basicamente associadas ao baixo status do grupo etário, não devem ser consideradas idênticas às características de status do grupo como um todo. Em contrapartida, em algumas sociedades agrárias, o alto prestígio desfrutado pelos idosos não lhes garante automaticamente segurança econômica, habitação e acesso a serviços públicos. De Haney (1987) sugere que o que se define como o status do idoso é em parte determinado pela forma como ele é conceituado e medido, o que nos remete à idéia central desta resenha, de que os métodos de pesquisa podem afetar os resultados.

Dessa forma, para se testar a hipótese de que o status do idoso declina com a modernização, seria necessário ter dados demonstrando que a renda média, a educação ou o prestígio ocupacional do grupo etário composto pelos velhos, em comparação com os grupos mais jovens, necessariamente declina com o aumento das taxas de urbanização, industrialização e outros indicadores de modernização. Outras pesquisas adicionam controvérsias interessantes. Por exemplo, Armer & Schnaiberg (1972); Pontes (1973) e Singer (1971), citados por Bengston e col. (1975), observam que orientações tradicionais de valor tendem a persistir durante períodos de desenvolvimento social e econômico acelerado, servindo para legitimar as transformações na ordem social decorrentes desse processo. Da mesma forma, dados derivados de estudos empíricos, em várias sociedades desenvolvidas, permitem concluir que o sistema de família extensa e alguns padrões de interação familiar tendem a permanecer relativamente estáveis, independentemente do estado de modernização social ou da imigração de países menos in-

dustrializados para outros que já avançaram mais no processo de modernização (Koh e Bell, 1987; Yu e Wu, 1985; Cruz-Lopez e Pearson, 1985 e Taylor, 1985).

Antes de encerrar esta resenha de estudos que focalizam as atitudes em relação à velhice, de um ponto de vista socio-cultural é importante mencionar alguns exemplares representativos de pesquisas sobre a influência dos meios simbólicos sobre atitudes sociais frente ao tema. A análise de conteúdo foi a técnica mais usada nesses estudos, que focalizaram, por exemplo, literatura de ficção para adultos (Duncan, 1963); revistas de divulgação norte-americanas, de 1890 a 1955 (Martel, 1968, apud McTavish, 1971); literatura infantil (Seltzer e Atchley, 1971 e Blue, 1978); poemas (Sohngen e Smith, 1978); cartões de aniversário (Dillon e Jones, 1981) e produções de humor (Richman, 1977).

Com exceção dos trabalhos de Blue (1978) e de Seltzer e Atchley (1971), todas essas pesquisas relatam ter encontrado predominância de atitudes negativas sobre o velho. Blue, (1978), conclui também que as atitudes a respeito do velho são multidimensionais. Seltzer e Atchley (1971) afirmam que os gerontólogos teriam superestimado a presença e os efeitos de percepções negativas sobre o velho.

Chinen (1987) realizou uma interessante análise do conteúdo de 2.500 contos de fadas tradicionais, com base na teoria psicanalítica. Desse total, selecionou 50 em que o personagem principal era um idoso (os demais tratam sobre jovens e trama do herói). Identificou seis temas predominantes: pobreza, privação, isolamento e auto-reformulação; transcendência; prudência; ingenuidade ou inocência (comparável à da criança); e contato com o sobrenatural (mediando coisas terrenas). O autor considera que esses contos cumpriam e cumprem a função de continuar os contos sobre jovens, que ao final das histórias se casavam e "eram felizes para sempre". Atualizam o alto potencial de desenvolvimento humano prenunciado nos contos sobre jovens: a união entre a inocência e a sabedoria; a magia e o conhecimento, possíveis de acontecer na velhice.

Em virtude de seu grande potencial multiplicador e educacional, os conteúdos das mensagens televisivas têm merecido muita atenção dos estudiosos da questão em pauta. Aná-

lises sobre os produtos de redes de TV dos Estados Unidos, entre 1968 e 1978, revelaram que a representação dos vários grupos de idade na programação dramática diferia substancialmente da que vigora na sociedade. Não só o velho aparecia pouco, como era apresentado em situações de inferioridade e dependência (Aronoff, 1974; Northcott, 1975 e Gerbner e col., 1980). No entanto, não se verificou uma relação direta simplesmente entre ver TV e ter atitudes negativas, mas sim entre estas e o número de horas diárias de exposição ao veículo. Os dados de um estudo realizado em Londres, por Wobner e Gunter (1982), não corroboraram essa conclusão.

Recentes revisões de literatura realizadas por Elliott (1984) e Passuth e Cook (1985) mostram que existe muita controvérsia acerca do conteúdo das imagens televisivas sobre velhice, que a apresentam de modo confuso, incorporando tanto estereótipos negativos e positivos, como também estereótipos positivos irrealísticos e reversos. Passuth e Cook (1985) realizaram, aliás, uma análise crítica dos dados coletados por Gerbner e col. (1980) sobre como a TV afetava as cognições e atitudes sobre velhos em duas amostras de adultos, uma com 4.460 casos e outra com 1.500. As variáveis independentes, além de frequência de ver TV e tipos de programa, foram índices de satisfação na vida e fatores demográficos. Gerbner e col. (1980) concluíram que a exposição à TV contribuí para a existência de atitudes negativas e de poucos conhecimentos sobre o idoso. Porém, a re-análise de Passuth e Cook (1985) demonstrou que essa influência é pequena e restrita aos sujeitos mais jovens.

Holtzman e Akyiama (1985) desenvolveram um estudo intercultural sobre a imagem do velho em programas infantis norte-americanos e japoneses. A TV norte-americana mostra o velho mais freqüente e mais positivamente do que a japonesa. Porém, nos dois países, a programação televisiva para crianças apresenta uma visão distorcida da população, visto que velhos e crianças são numericamente sub-representados.

Esses estudos sobre a imagem do velho e da velhice, veiculada por material simbólico, discutem superficialmente como esse material mediará a aquisição de atitudes e cognições sobre esses objetos. Suas hipóteses privilegiam a idéia de predominância de atitudes negativas. Confirmadas, suas discussões não vão além de arrolar dados que as justificam e fortalecem.

Desconfirmadas, como nos casos de Blue (1978) e Seltzer e Ashley (1971), sugerem que o assunto deva merecer mais atenção. Argumentação mais consistente é encontrada nos trabalhos de Elliott (1984), Passuth e Cook (1985) e Holtzman e Akyiama (1985), numa linha sociológica, privilegiando o possível efeito interrelacionado de variáveis ligadas a trabalho, produtividade e status nas sociedades industriais capitalistas.

CONCLUSÕES

O exame dessa amostra de literatura sugere a necessidade de mais pesquisas focalizando variáveis sócio-culturais, bem como suas relações com aspectos individuais e de pequenos grupos. Os dados disponíveis não permitem comparações consistentes entre culturas, nem entre grupos nelas inseridos, embora permitam concluir que o preconceito contra o idoso não é universal.

Embora a confusão e a inconsistência não sejam exclusivas desta área de pesquisa, nesta especificamente, qualquer tentativa de refinamento passa pela consideração do viés profissional, da necessidade de aprimoramento dos instrumentos, do correto dimensionamento das amostras, da clara definição de termos e da conexão consistente dos problemas, hipótese e métodos de pesquisa com proposições teóricas também consistentes.

A SEGUIR:

2ª parte — Estudos sobre Variáveis Individuais, de Natureza Psicológica e Sociológica.

ABSTRACT

Gerontology and Psychology have traditionally assumed that there is predominance of negative attitudes toward aging and aged people in societies and individuals. However there is not sufficient research evidence supporting this assumption. This paper is the first in a set of three,

analysing a research sample from 1945 to 1987. The studies were categorized in two rubrics: transcultural studies (text 1) and research focusing individual (psychological and sociological) variables (text 2). The third text analyses the main tendencies in this literature area. The text that follows focuses research about status of the elderly in "primitive" and historical societies; in modernized or modernizing societies and the aged image reflected by symbolic media (as TV, child and adult literature, poetry, advertisements and cartoons). It concludes that it is impossible to establish consistent comparisons between cultures or their sub-groups, and that research data have not showed universal prejudice against the elderly. It seems relevant that Psychogerontology may build an internal critic of their basic concepts, research procedures and professional practices.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHEMBAUN, W. A. & STEARNS, P. N. (1978). Essay: old age and modernization. *The Gerontologist*, 18(3), 307-312.
- ADAMS, D. (1971). Correlates of satisfaction among the elderly. *Gerontologist*, 11,, 64-68.
- ARONOFF, C. (1974). Old age is prime-time. *J. of Communication*, 24, 86-87.
- BEAUVOIR, S. de (1970). A velhice. A realidade incômoda. S. P.: Difel. Trad. do orig. em francês, s/data, por H. Lima Dantas.
- BEAUVOIR, S. de (1970). A velhice. As relações com o mundo. S. P.: Difel Trad. do orig. em francês, s/data, por H. Lima Dantas.
- BENGSTON, V. L., DOWD, J. J., SMITH, D. H. ? INKEKS, A. (1975). Modernization, modernity, an perceptions of aging: a crosscultural study. *J. of Gerontology*, 30(6), 668-695.
- BLUE, G. F. (1978). The aging as portrayed in realistic fiction for children 1945-1975. *The Gerontologist*, 18(2), 187-192.
- BURGUESS, E. W., CAVAN, R. S. & HAVIGHURST, R. J. (1948). *Your Activities and Attitudes*. Chicago: Univ. Chicago Press.

- CHINEN, A. L. (1987). Fairy tales and psychological development in late life: a cross-cultural hermeneutic study. *The Gerontologist*, 27(3), 340-346.
- COOL, L. E. (1981). Role continuity or crisis in later life? a corsican case. *Int'l J. Aging and Human Development*, 13(3), 169-181.
- COWGILL, D. O & HOLMES, L. D., *Aging and Modernization*, N. Y. Appleton, 1972.
- CRUZ-Lopez, M. & PEARSON, R. E. (1985). The support needs and resources of puerto Rican elders. *The Gerontologist*, 25(5), 488-487.
- CULBERTSON, F. M. & MARGAONA, E. A. (1981). A study of attitudes and values toward the aged; cross-cultural comparisons. *International Journal of Group Tensions*, 11(1-4), 34-46.
- DE HANEY, W. T. (1987). Romanticising the status of the rural elderly: theory and policy implications. *The Gerontologist*, 21,(3), 321-329.
- DILLON, K. M. & JONES, B. S. (1981). Attitudes toward aging portrayed by birthdays cards. *Int'l J. Aging and Human Development*, 13(1), 79-84.
- DULCEY, E. & ARDILA, R. (1976). Actitudes hacia los ancianos. *Revista Latino Americana de Psicologia*, 8(1), 57-67.
- ELLIOTT, J. (1984). The day time television portrayal of older adults. *The Gerontologist*, 24(6), 628-633.
- GERBNER, G., GROSS, L., SIGNORELLI, N. & MORGAN. (1980). Aging with television: images on television drama and conceptions of social reality. *J. of Communication*, 30, 34-47.
- HOLTZMAN, J. M. & AKYIAMA, H. (1985). What children see: the aged on television in Japan and United States. *The Gerontologist*, 25(1), 62-68.

- KOH, J. Y. & BELL, W. G. (1987). Korean elders in the United States: intergenerational relations and living arrangements. *The Gerontologist*, 27(1), 66-71.
- LEWIS, M. (1982). Aging in the people's republic of China. *Int'l J. Aging and Human Development*, 15(2), 79-105.
- MAXWELL, R. J. (1970). The changing status of elderly in Polynesian Society. *Aging and Human Development*, 1: 127-146.
- MCTAVISH, D. G. (1971). Perceptions of old people: a review of research methodologies and findings. *The Gerontologist*, 11, 90-101.
- NOESJIRWAN, J., GAULT, V. & CRAWFORD, J. (1983). Beliefs about memory in the aged. *J. of Cross-Cultural Psychology*, 14(4), 455-468.
- NORTHCOTT, H. C. (1975). Too young, too old. Aging in the world of television. *The Gerontologist*, 15, 184-186.
- PALMORE, E. B. (1971). Attitudes toward aging as shown by humor. *The Gerontologist*, 11(3), 181-186.
- PALMORE, E. B. & MANTOAN, K. (1973). Ageism compared to racism and sexism. *Journal of Gerontology*, 28(3), 363-369.
- PALMORE, E. B. (1974). Modernization and status of the aged: international correlations. *J. of Gerontology*, 29, 205-210.
- PALMORE, E. B. (1971). The status and integration of the aged in Japanese society. *J. of Gerontology*, 30, 199-208.
- PALMORE, E. B. (1977). Facts on aging. *The Gerontologist*, 17, 315-320.
- PASSUTH, P. M. & COOK, F. L. (1985). Effects of television on knowledge and attitudes about older adults: a critical reexamination. *The Gerontologist*, 25(1), 69-77.
- RICHMAN, J. (1977). The foolishness and wisdom of age: attitudes toward the elderly as reflected in jokes. *The Gerontologist*, 17 (3), 210-219.
- RHOADS, E. G. (1984). Reevaluation of the aging and modernization theory: the samoan evidence. *Gerontologist*, 24(3), 243-250.

- SANCHEZ, A. N. (1982). Imagem y esteriotipos acerca de los ancianos en Venezuela. **Revista Latino Americana de Psicologia**, **14**(3), 363-383.
- SELTZER, M. & ATCHLEY, R. C. (1971). The concept of old: changing attitudes and stereotypes. **The Gerontologist**, **11**, 226-230.
- SHARMA, G. C. & TIWARI, G. (1983). Gerontology: viewpoint of hindo psychology. **Perspectives in Psychological Researches**, **6**(1), 19-24.
- SHAVER, K. G. (1978-79). Attributional error and attitudes toward aging: a view of the NCOA National Attitude Survey, **Int'l J. Aging and Human Development**, **9**(2), 101-113.
- SOHNGEN, M & SMITH, R. J. (1978), Images of old age in poetry. **The Gerontologist**, **18**(2), 181-186.
- STEARNS, P. N. (1981). The modernization of old age in France: approaches through history, **Int'l J. Agind and Human Development**, **13**(4), 297-315.
- TAYLOR, R. J. (1985). The extended family as a source of support to elderly blacks. **The Gerontologist**, 1985, **25**(5), 488-495.
- TOBIN, J. J. (1987). The American idealization of old age in Japan. **The Gerontologist**, **27**(1), 53-58.
- TUCKMAN, J., LORGE, I. & SPOONER, W. (1953). Attitudes toward old people. **J. of Social Psychology**, **37**, 249-260.
- VANDEWIELE, M. (1982). Wolof adolescent's attitudes toward old people. **Adolescence**, **17** (68), 863-839.
- WOBNER, M. & GUNTER, B. (1982). Impressions of old people on TV in real life. **British Journal Of Social Psychology**, **21**, 335-336.

YU, L. C. & WU, S. C. (1985). Unemployment and family dynamics in meeting the needs of chinese elderly in the United States. *The Gerontologist*, 25(5), 472-476.